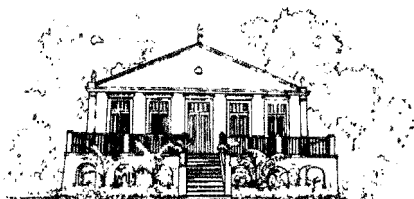


PR/SCT/CNPq  
MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI  
COLEÇÃO ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA

TALENTO E ATITUDE:  
Estudos Biográficos do Museu  
Emílio Goeldi, I.

Oswaldo Rodrigues da Cunha

Belém – Pará  
Outubro 1989



PR/SCT/CNPq

**MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI**

**PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA**

Presidente: José Sarney

**SECRETARIA ESPECIAL DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA**

Secretário: Décio Leal de Zagottis

**CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO  
CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO**

Presidente: Crodowaldo Pavan

Vice-Presidente: José Duarte de Araújo

**MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI**

Diretor: Guilherme M. de La Penha

Vice-Diretor de Pesquisas: José Guilherme Soares Maia

Vice-Diretor Executivo: Celso Martins Pinto

**COMISSÃO DE EDITORAÇÃO**

Presidente: Guilherme M. de La Penha

Vice-Presidente: Adélia E. de O. Rodrigues

Apoio Editorial: Lais Zumero, Graça Overal e Lairson Costa

Cunha, Osvaldo Rodrigues da.

Talento e atitude: Estudos Biográficos do Museu Emílio Goeldi, I/Osvaldo Rodrigues da Cunha. - Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1989.

160 p.: il. - (Coleção Alexandre Rodrigues Ferreira)

ISBN: 85-7098-031-2

1. PESQUISADORES-Biografia. 2. MUSEU PARAENSE  
EMÍLIO GOELDI-Pesquisadores. I. Título.

CDD: 925

CDU: 929

© Direitos de cópia/Copyright 1989  
por/by PR/SCT/CNPq Museu Goeldi

## Agradecimentos

Em singelas palavras o autor faz questão de agradecer em princípio a atenção e o empenho que o diretor do Museu, Dr. Guilherme M. de La Penha, vem manifestando com grande interesse às pesquisas científicas específicas da instituição e aos respectivos estudos históricos, restaurando alguma parcela do passado e publicando trabalhos neste campo, a fim de que a memória de homens e

eventos não venha a desvanecer-se definitivamente. Agradecemos também a Lais Zumero, da Comissão de Editoração do Museu, pela revisão cuidadosa e paciente da parte literária e pelo veemente interesse que vêm demonstrando para que o presente trabalho fosse o quanto antes publicado e também por outros em vias de o serem.

## Sumário

Apresentação . . . . .	12
Prefácio . . . . .	14
Domingos Soares Ferreira Penna (1818-1880) . . . . .	20
Francisco da Silva Castro (1815-1899) . . . . .	48
Edgar Leopold Layard (1824-1900) . . . . .	54
Joaquim Pedro Correa de Freitas (1829-1888) . . . . .	59
José Ferreira Cantão (1827-1893) . . . . .	62
José Coelho da Gama e Abreu (1831-1906) . . . . .	65
Charles Frederick Hartt (1840-1878) . . . . .	69
Aureliano Pinto de Lima Guedes (1848-1912) . . . . .	77
Herbert Huntington Smith (1851-1919) . . . . .	80
Maria Elizabeth Emflia Sneathlage (1868-1929) . . . . .	83
Carlos Estêvão de Oliveira (1880-1946) . . . . .	103
Rodolpho de Siqueira Rodrigues (1884-1957) . . . . .	122
Paul Vincent Ledoux (1898-1984) . . . . .	138
Walter Alberto Egler (1924-1961) . . . . .	150

# Apresentação

Sonhar e observar, defender-se e buscar sobreviver, ensinar e educar, comunicar e informar, organizar e gerar conhecimentos são todas as ações e atitudes que se mesclam nos perfis da mulher e dos homens que o Pesquisador *Oswaldo Cunha* traça neste trabalho.

Toda nova geração adota novos padrões, novos líderes, novas crenças, novos mitos e enquanto fazem isso com entusiasmo acumulam, sem saber, experiência para vir a valorizar - ao chegar a fase de ceder sua vez - o trabalho daqueles que a antecederam. Infelizmente sempre se chega tarde à real história da ciência, mas felizmente nunca o suficientemente tarde para que dela não se possam tirar lições.

O *Museu Goeldi* atual é fruto das contribuições de dezenas de homens ao longo de doze décadas. *Oswaldo Cunha*, cientista respeitado, autodidata admirável, na madureza de sua carreira se dispõe a levar a cabo o projeto de buscar retratar as parcelas maiores na construção do todo hoje existente. Ele o faz não com o instrumental do historiador profissional, mas com o viés de um autor com experiência análoga a de seus retratados: a disciplina do trabalho científico, o cansaço da liça

pelo reconhecimento que nunca chega em vida, o treino no debate constante da ciência por sobreviver no ambiente hostil amazônico e brasileiro.

Dos sonhos e decepções do fundador *Ferreira Penna* à realidade e fatalidade de *Walter Egler*, *Oswaldo Cunha*, nesta primeira série, traça um perfil temporal de uma instituição ainda em continuada construção, sob a ameaça da adversa realidade sócio-econômica nacional.

*Oswaldo Cunha* orgulha duplamente o *Museu Goeldi*. De um lado por sua contínua e diversificada produção, desde a juventude, e que passa por quase todas as disciplinas de que se ocupa este *Museu*; de outro, por documentar a tradição de uma instituição que sempre buscou manter seu ideal filomático graças ao esforço, trabalho, zelo e competência daqueles aos quais nunca foi dada a oportunidade de decidir sobre os rumos da Amazônia; só o de trilhar suas sendas, desvendar parte de seus segredos, sonhar em seus mistérios e lamentar sua destruição.

6 de Outubro de 1989

Guilherme M. de La Penha  
Diretor Geral  
MPEG/CNPq/SCT

## Prefácio

A história de um povo, de uma nação, de uma instituição científica, artística e cultural é feita por homens e mulheres. O homem fez a História e a História fez o homem. A História não é poesia e nem romance, cuja descrição fica exposta ao sabor das idéias e maquinações de um autor inventivo e prolífico. A História é uma atividade científica que nos dá a conhecer o passado da humanidade, a vida de uma pessoa em particular e a sua manifestação na ciência, na arte, na música, na religião e na filosofia.

“Evidentemente, o conhecimento histórico é um conhecimento científico, ainda que sua exposição seja ao mesmo tempo uma arte”. Assim se expressou o historiógrafo espanhol Luiz Pericot Garcia (“El Estudio de La História” em *Enciclopedia Labor*, 1958 (5):XXI-XL), abordando o estudo do passado.

É certo que não podemos compreender o presente sem conhecermos o passado. Este conceito é atribuído a Alexis de Tocqueville (1805-1859), célebre magistrado e pensador francês. O caminho mais equilibrado para compreendermos os acontecimentos históricos, os en-

tendidos afirmam, é conhecendo e estudando a vida das pessoas que mais influenciaram o desenvolvimento dos acontecimentos. Por isso, a biografia bem elaborada e coordenada com imparcialidade e analisada através das fontes documentais confiáveis, reconstitui uma época e tudo o que as personagens mais salientes daquele cenário contribuíram para o progresso ou retrocesso da sociedade humana.

Os estudos biográficos no Brasil, aliás tema de suma importância para o nosso país, jamais tomaram delineamentos científicos e históricos com encadeamento. Ocorrem apenas trabalhos esparsos, incompletos e sem precisão no tempo e no espaço, salvo algumas exceções no século passado como a antiga obra de Augusto Sacramento Blake (1827-1903), o *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, publicado em 7 volumes entre 1883 e 1902. No atual século apareceram alguns pequenos e grandes dicionários e enciclopédias com biografias-miniaturas de literatos, políticos, militares, artistas, médicos e profissões outras, além de tratarem de termos gerais de cunho interna-

cional e brasileiro.

A história da pesquisa científica no Brasil e seus cientistas sempre foi relegada a plano medíocre e parcial. O primeiro trabalho importante sobre a história da ciência no Brasil foi publicado por uma equipe de pesquisadores, com certeza livro pioneiro, *As Ciências no Brasil*, organizado por Fernando de Azevedo e editado pelas Edições Melhoramentos, em dois volumes (S. Paulo, 1955), entretanto muito defeituoso e parcial no que diz respeito à Amazônia, suas instituições científicas e seus cientistas no passado, até a época da publicação do livro.

Mais recentemente foi publicada a *História das Ciências no Brasil*, coordenado por Mário G. Ferri, já falecido, e Shozo Motoyama. É obra em três volumes, patrocinada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e Editoras Pedagógica e Universitária Ltda. (São Paulo, 1979/1981), com colaboração da Universidade de S. Paulo. Com uma versão mais ampla e atualizada sobre o desenvolvimento da Ciência no Brasil que a anterior, pelo conjunto de matérias abordadas, este trabalho, no entanto, deixa ficar muita coisa por informar e é, às vezes, incompleta e discordante. Pouco ou quase nada se refere à Ciência e cientistas na Amazônia. Sempre o mesmo defeito e mesma metodologia adotada: uma parte do Brasil, desgraçadamente, não conhece a maior porção do País, que é a Amazônia. Sofrem nesse caso principalmente a Zoologia, Botânica, Antropologia, História, Medicina, e disciplinas afins.

No Pará, até quase os dias atuais, a história científica e a biografia de cientistas têm sido uma lás-

tima e uma indigência de memória pelo passado que mais parece uma terra sem história e sem existência, apenas mostrando a indiferença e o atraso em que o Estado tem vivido. É mais uma vergonha que um castigo. No século passado e no atual, quase nada se escreveu sobre este importante tema, muito pouco e esse mesmo fica desejar.

O Museu Paraense Emílio Goeldi, a mais antiga instituição científica da Amazônia e uma das primeiras no Brasil, tem uma longa história de 123 anos e, no entanto, até 25 anos atrás, pouco ou nada existia escrito sobre ele. Dos cientistas que aqui trabalharam ou outros que emprestaram sua contribuição de alguma forma, nada se conhecia – a não ser algumas notas discrepantes e geralmente incorretas nas datas e na especialidade, apenas tratando de Emílio A. Goeldi e Jacques Huber.

Em 1938 o Diretor Carlos Estêvão de Oliveira publicou um “Resumo Histórico do Museu Paraense Emílio Goeldi”, inserto na *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Rio de Janeiro* (volume 2, páginas 7 a 19). Este trabalho tinha sido o melhor então realizado, infelizmente incompleto, cheio de lacunas e erros, que no final não informou e nem esclareceu questões que ficaram no vácuo. Carlos Estêvão, como Diretor do Museu, tinha condições para pesquisar mais profundo e redigir melhor, mas não o fez. Entretanto, uma contribuição mais correta e documentada foi apresentada por Hélio F. Camargo, antigo pesquisador do Departamento de Zoologia de São Paulo, hoje Museu de Zoologia da Universidade desse Estado (USP), com o título: “Pequena contribuição ao estudo da

História do Museu Paraense Emílio Goeldi” (*Ciência e Cultura*, 1951, volume 3, nº 1, páginas 61 a 68). O trabalho aborda aspectos da vida de Emílio Goeldi, Godofredo Hagemann, Jacques Huber e Emília Snethlage.

Finalmente, o centenário do Museu Paraense estava aproximando-se em 1966 e até então nada se sabia sobre os instantes de sua criação e nem sequer se conhecia o nome das pessoas que concorreram para esse memorável evento, exceto o de Domingos Ferreira Penna. Em vista disso, o autor do presente trabalho empreendeu no início dos anos 60 uma paciente pesquisa nos documentos dispersos aqui, ali e acolá em arquivos e bibliotecas, que tratassem ou informassem qualquer coisa sobre o Museu em geral e sobre as pessoas que nele trabalharam ou para ele emprestaram a sua prestimosa colaboração. Em 1966 uma *sumária*, correta e bem intencionada história do Museu Paraense Emílio Goeldi já estava elaborada e publicada no jornal “A Província do Pará”. Daí aos dias presentes, procuramos sempre ampliar o leque da pesquisa histórica desta instituição, acrescentando informações e esclarecendo períodos obscuros e descobrindo dados particulares com minúcias elucidativas e veracidade cristalina.

No decorrer das pesquisas sobre o passado do Museu, passamos a buscar informes exatos, tanto quanto possíveis, acerca das pessoas envolvidas no processo de desenvolvimento da instituição desde suas origens. Em si, a parcela mais difícil, exaustiva e demorada da história do Museu, porque as pessoas de origem estrangeira que nele trabalharam ou para ele contribuíram, tiveram de certa forma notas de óbito à época do faleci-

mento em revistas alemãs, inglesas, norte-americanas e outras, nem sempre acessíveis no Pará. Quanto aos brasileiros, também existia certa dificuldade, em vista das informações sobre estas pessoas que às vezes não eram encontradas, outras apareciam apenas em notas do dia do falecimento publicadas em jornais de Belém no século passado ou no atual. Algumas pequenas biografias de certas pessoas mais importantes encontram-se em livros, dicionários, enciclopédias ou determinadas revistas científicas, culturais e de caráter geral. A maioria dessas biografias são incompletas, discordantes em datas e eventos e nem sempre ligaram o indivíduo ao convívio do Museu Paraense.

Nos últimos vinte anos o Dr. Ricardo Borges (1886-1975), nascido na Bahia, advogado, economista e conhecedor dos problemas da Amazônia, onde viveu 66 anos no Pará, ficou chocado pela deficiência de biografias das personagens relevantes à história do Estado. Foi induzido então a escrever sobre a vida dos homens que fizeram essa história. Um trabalho abnegado o do Dr. Ricardo Borges, que resultou na publicação do livro *Vultos Notáveis do Pará*, editado em 1970 pelo Conselho Estadual de Cultura do Pará e republicado em segunda e ampliada edição em 1986 pelo Centro de Estudos Jurídicos do Pará (CEJUP), em comemoração do seu centenário. Sem dúvida, é o melhor livro de biografias que se publicou no Pará, não tanto pelo número de biografados, como pelas informações históricas de diversas épocas nelas contidas. Entretanto, está longe de ser completa. Além de conter incorreções, lapsos e grandes lacunas sobre cientistas, na-



turalistas e pesquisadores em geral, sejam paraenses ou estrangeiros, a obra de Ricardo Borges não preenche o vácuo da história da ciência no Pará e nem relembra aqueles sábios que aqui lutaram contra a ignorância, pois aí se encontram menos de dez nomes, assim mesmo com notas sumárias e algumas incorreções de datas.

Por fim, para não fazermos injustiças, referiremos o esforço realizado pela Universidade Federal do Pará (UFPA) em promover o "Simpósio sobre a História da Ciência e da Tecnologia no Pará", nos dias de 17 a 21 de junho de 1985 no qual foram abordadas as instituições, a UFPA e temas científicos por vários professores e pesquisadores. O Museu Paraense foi representado pelo ex-Diretor, Dr. José Seixas Lourenço, o qual apresentou um sumário histórico e as suas linhas de atividades até então. Os trabalhos foram publicados pela UFPA em 1985, em dois volumes, com o título *Anais do Simpósio sobre a História da Ciência e da Tecnologia*. As anotações de José Seixas Lourenço se encontram no segundo volume, nas páginas 447 a 460. Também inserimos aqui o recente trabalho "Médicos de outrora no Pará", do Dr. Clóvis Meira, médico e professor universitário, publicado em Belém em 1986 com 479 páginas.

As biografias que apresentamos aqui são o resultado de nossas pesquisas durante os últimos trinta anos, algumas foram publicadas em jornais, revistas e livros em Belém e o restante inédito. Foram elaboradas em épocas diversas de modo que tiveram de passar por rigorosa revisão de texto e atualizadas. Este trabalho engloba quatorze estudos biográficos,

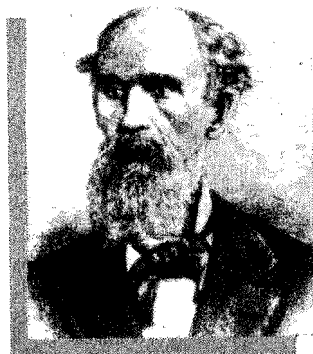
dos quais alguns mereceram uma atenção especial e, portanto, contêm um aprofundamento de informações mais minuciosas de acordo com a contribuição e a maior representatividade que a pessoa em questão teve no desenvolvimento do Museu Paraense Emílio Goeldi, na pesquisa científica ou no aspecto administrativo. Esse conceito vale também em relação ao Pará e extensivamente ao Brasil.

No conjunto geral, já temos uma lista de algumas 70 pessoas, na qual se incluem as quatorze agora apresentadas, que em nossa opinião merecem ser biografadas, em maior ou menor amplitude, conforme a sua importância e contribuição que deram nos termos acima referidos. O presente livro faz parte de uma série de biografias, que deverão ser publicadas em futuro próximo, e desde já podemos dizer que o segundo volume poderá ser redigido pelo autor. Daí para diante, outros pesquisadores, habilitados e com a necessária paciência, poderão completar as biografias e outras que por ventura venham a aparecer no futuro. A nossa tarefa tão cheia de dificuldades foi iniciada e cumprida, não no todo como sempre desejamos, mas parcialmente. Resta muito ainda por fazer, principalmente no que diz respeito à história geral do Museu Paraense e para tanto já redigimos históricos sobre a Zoologia, Geociências, Biblioteca, Parque Zoo-Botânico e assuntos correlatos. A pesquisa meteorológica foi resgatada no trabalho de Osvaldo Cunha e Therezinha Xavier Bastos em *A Contribuição do Museu Paraense Emílio Goeldi à Meteorologia na Amazônia (Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi, nº 23, 86 páginas, 1973)*.

Com essas contribuições tão exatas quanto reais, é nossa esperança que possamos ajudar aos que nada sabem sobre o Museu Paraense a conhecê-lo melhor, a fim de que em dias vindouros ele venha a ser mais decisivamente auxiliado, amparado e preservado como um santuário ina-

lienável e resguardado da inépcia de más pessoas, para que o seu futuro seja tranqüilo e a ciência que nele se pratica reverta em benefício às gerações futuras, engrandecendo, assim, o Pará, a Amazônia e o Brasil.

Oswaldo Rodrigues da Cunha



## Domingos Soares Ferreira Penna

(1818-1888)

A melhor biografia de Ferreira Penna até então foi escrita por José Verfssimo e publicada em 1894 no primeiro *Boletim do Museu Paraense*, páginas 57 a 73. Verfssimo ainda muito jovem procurou firmar sólida e sincera amizade com esse homem simples e pobre, mas profundo conhecedor da natureza amazônica. Influenciado pelos conhecimentos de Ferreira Penna, o futuro grande escritor com ele aprenderia lições de geografia, história, etnografia e arqueologia amazônicas e, acima de tudo, sentiria afeição e respeito, como poucos, a este distinto mineiro-pa-raense.

Portanto, ninguém melhor que José Verfssimo, em 1894, já escritor consagrado nas lides literárias nacionais, para contar, com aquele seu estilo literário tão característico, os traços marcantes da vida de Ferreira Penna, tanto que ninguém foi capaz de acrescentar algo por quase 80 anos, mesmo particularidades, a essa biografia.

Viveu Ferreira Penna quase trinta anos no Pará, tornando-se conhecido de todos os habitantes de Belém. Mas poucas, muito poucas

pessoas conheciam alguma coisa de seu passado, antes de vir morar no Pará. Acreditamos mesmo que nem José Verfssimo, nem seus amigos mais íntimos, como Joaquim Assis e Jonas Montenegro, sabiam, pois quando o naturalista morreu, em 1888, ninguém sabia dizer exatamente a sua idade. Possuía Ferreira Penna um caráter muito reservado e circunspeto e com esse comportamento raramente falava sobre sua própria pessoa.

Ferreira Penna viveu em duas épocas diferentes e distintas: Quando nasceu, a 6 de junho de 1818, no distrito de Oliveira, município de Mariana, antiga Província de Minas Gerais, o Brasil era Reino Unido ao de Portugal, governando-o o Rei D. João VI. Viveu todo o Primeiro Império, tendo por isso uma exata idéia da personalidade do Imperador D. Pedro I. Do segundo Império ele foi ativo participante até quase o ocaso do regime monárquico, pelo qual não tinha nenhuma simpatia. Morrendo em 1888, por pouco não alcançou o advento da República, o terceiro período, de cujo regime era desde rapaz adepto fervoroso.

Existem alguns interessantes pormenores da vida de Ferreira Penna, pouco conhecidos ou mesmo desconhecidos, os quais conseguimos desenterrar do olvido. Estas notas são uma contribuição a mais para a sua biografia. O cerne desta biografia foi redigido entre 1970 e 1971 e depois oferecido como introdução às *Obras Completas de Domingos Soares Ferreira Penna*, publicado em dois volumes pelo Conselho Estadual de Cultura em 1973/74. Em 1983 o presente trabalho foi revisado e melhorado com algumas informações. Agora passou por novos acréscimos resultantes de novas pesquisas e uma análise histórica refundida. Mas, apesar de tais melhorias, esta biografia de Ferreira Penna está deficiente em esclarecimentos e com muitas lacunas que não foram possíveis acrescentar por motivos diversos. Uma biografia mais completa do criador do Museu Paraense vem sendo realizada pelo autor, mas devido à sua extensão e porque ainda não se encontra concluída, somente em futuro próximo deverá ser publicada. Nesses últimos 18 anos, conseguimos obter numerosas e valiosas informações sobre a vida de Ferreira Penna, tanto no que diz respeito à fase de juventude ocorrida em Minas Gerais e depois já adulto no Rio de Janeiro, como durante toda a sua vivência de 30 anos no Pará, em especial em Belém. Algumas questões dúbias são agora esclarecidas e muitas surpreendentes pesquisas vêm ajudar a desvendar uma imagem mais nítida e ao mesmo tempo viva de um Ferreira Penna que ainda não tínhamos idéia. Ferreira Penna foi mais do que disseram e também daquilo que então sabíamos, mesmo do que vai inserto nesta presente pequena biografia.

Domingos Soares Ferreira Penna já tinha feito 40 anos quando foi convidado, no Rio de Janeiro, pelo Tenente-Coronel Manuel de Frias e Vasconcelos, então recém-nomeado Presidente da Província do Pará, para servir como Secretário de seu Governo. Ambos viajaram juntos, chegando a Belém no dia 8 de setembro de 1858, e tomando posse dos cargos no dia seguinte.

Possuía Ferreira Penna boa cultura, apesar do autodidatismo. Seu gosto pela História e Ciência, demonstrando invulgar inteligência, tornou-o acima de tudo um pesquisador nato, modesto e probo. Sendo um estudioso, tornou-se um autêntico cientista, um pesquisador, das coisas que dizem respeito ao homem pré-histórico americano, dos eventos históricos e de tudo o que diz respeito à natureza amazônica, desde a Geografia à História Natural.

Ferreira Penna dedicou-se aos estudos geográficos, abordando a geografia física, a geomorfologia, a geologia e a geografia econômica da Amazônia e em particular do Pará. Foi arqueólogo pioneiro nas pesquisas sobre a cerâmica e outros vestígios dos grupos primitivos que aqui viveram. Também salientou-se como etnógrafo e mais ainda como historiador do passado paraense. Enfim, por muitos anos professou o jornalismo com veemente convicção, tendo sido articulista e redator de jornais e revistas de categoria literária e política.

Quando veio morar no Pará já trazia sólidos conhecimentos de cultura geral, dando provas sobejas de sua capacidade intelectual e de trabalho, como o provam a sua nomeação para Secretário da Polícia da Corte e a de Secretário do Governo

do Pará.

Até hoje não sabemos se Ferreira Penna aceitou essa incumbência por tempo determinado ou se havia decidido fixar definitivamente sua residência em Belém. Mas, levando-se em conta uma série de fatores a que ficou condicionado e, talvez, a resolução de uma completa mudança em sua vida, é quase certo que tenha vindo ao Pará com decidida disposição de aqui ficar para sempre. Sua vida apresentou duas fases bem distintas e o fim de uma marcou decididamente o começo de outra, com novos horizontes, plasmando-lhe a verdadeira vocação. Voltado desde a juventude para os ideais de liberdade, apegou-se, arduamente, aos postulados republicanos, defendendo-os propagandisticamente em termos de elevado padrão. Como jornalista, articulista e sagaz polemista, as suas idéias republicanas tornaram-se mais fáceis de serem expressas e divulgadas, mas lhe proporcionaram desgostos, contrariedades e, o pior de tudo, inimizades. Assim, encontramos Ferreira Penna naquela primeira fase agitada, inconstante, que vai até os 51 anos de idade. Ele é, então, o jornalista e o político. Nunca aceitou o regime monárquico brasileiro, por achá-lo ultrapassado, anti-democrático e incompatível com as nações modernas.

Sua vocação para os estudos geográficos, arqueológicos e etnográficos, a essa altura, já estava perfeitamente definida, e à vista disso e porque não lhe interessavam mais as lutas e os objetivos políticos, embora conservasse íntegros os seus ideais republicanos até a morte, deles se afasta em 1869, para sempre.

O Brasil não estava intelectual nem politicamente preparado para

absorver o regime republicano, tal como existia nos Estados Unidos da América do Norte. Em todo o Segundo Império digladiaram-se apenas dois partidos, ambos revezando-se no domínio político. Não foi permitido um terceiro partido, como muitos políticos pretenderam, porque seria perigoso. Havia apenas o partido Liberal e o Conservador, ambos com pensamentos e ações conservadores e retrógados.

Ferreira Penna, já vivendo no Pará, filiou-se ao partido Liberal, então representado por eminentes próceres políticos e intelectuais, como única possibilidade para externar suas idéias. Mas, o partido Liberal não era a solução para os que professavam a fé republicana, porque os adeptos daquele não propugnavam pela queda do monarquismo e outras mudanças radicais, pontos que freqüentemente se chocavam no torvelinho das discussões partidárias. Essas desavenças ocasionaram muitos dissabores e inimizades constantes, não só entre os próprios amigos do partido Liberal como principalmente entre os Conservadores, do que resultou contra Ferreira Penna uma acirrada luta destes através da tribuna da Assembléia Legislativa Provincial e dos jornais a eles jungidos.

Foi uma fase vergonhosa para Ferreira Penna no Pará com inimigos sem compostura, atacando-o soezmente, retalhando-lhe o caráter implacavelmente. Alguns desses inimigos não o deixaram em paz até o fim da vida. Mas em ambas as facções possuiu o cientista sinceros e devotos amigos, que admiravam seu caráter, honestidade e sabedoria.

Como Secretário do Governo, Ferreira Penna desempenhou, cabalmente, a função desde 1858 até 31 de

outubro de 1867, sob a administração de vários Presidentes da Província que viam nele o homem de confiança e cumpridor de seus deveres. Contudo, nesse espaço de tempo houve duas interrupções que José Verfssimo não assinala. O primeiro afastamento do cargo ocasionou-se por motivos de saúde e prolongou-se por vários meses. Desde que chegara ao Pará, Ferreira Penna não havia ainda se afastado daqui e assim no dia 20 de maio de 1865 viajou até a Província do Ceará para tratamento de saúde. Segundo a portaria de 24 de abril desse ano, o Governo resolveu conceder-lhe três meses de licença com vencimentos, com aquela finalidade. A sua ausência no entanto foi muito mais prolongada, estendendo-se até o mês de novembro, quando retornou a Belém, no dia 8 desse mês. Em sua companhia seguiu também um seu criado, como aliás acontecia em todas as suas viagens pelo interior do Pará.

Este criado (ou fâmullo, como ele mesmo referia) não era um escravo, condição que ele não aprovava, levado naturalmente pelos seus pontos de vista democráticos e espírito evoluído. Muitas vezes, mesmo executando trabalhos para o Governo quando de suas explorações pelo interior do Pará, costumava pagar os trabalhadores a seu serviço com o dinheiro do próprio bolso.

O segundo afastamento da função de Secretário do Governo deu-se quando Ferreira Penna foi destituído do cargo em 16 de dezembro de 1866, durante a administração do Presidente da Província Dr. Pedro Leão Veloso. Para aquele cargo havia sido nomeado por Carta Imperial o Dr. Ayres A. Gama. Dessa maneira, Ferreira Penna já se considerava livre e afastado das lides administra-

tivas, podendo assim dedicar-se aos seus estudos prediletos. A essa altura, os seus inimigos regozijaram-se pelo seu afastamento da Secretaria do Governo. Mas Ferreira Penna tinha sinceros amigos que o consideravam acima de qualquer partido ou preconceitos, pois viam nele o homem honesto e sempre voltado para os estudos sérios. Ficou afastado da administração cerca de seis meses, até a ocasião de ser nomeado Presidente da Província o Vice-Almirante Joaquim Raimundo De Lamare, que tomou posse em 1 de junho de 1867. Amigo de Ferreira Penna, imediatamente o convidou para ocupar interinamente a função de Secretário enquanto o seu titular se encontrava ainda impedido de assumi-la. Ferreira Penna aceitou e aí permaneceu por pouco tempo, pedindo demissão do cargo no dia 31 de outubro desse ano.

Um dos maiores acontecimentos da história da Amazônia no século XIX foi a abertura do rio Amazonas e alguns de seus afluentes à navegação mercante de todas as nações amigas, em 7 de setembro de 1867. Tão transcendental ocorrência há tanto tempo aspirada pelos amazônidas foi determinada pelo Decreto Imperial nº 3749 de 7 de dezembro de 1866. Nesse acontecimento, de importância não apenas regional e nacional, mas, principalmente, internacional, Ferreira Penna teve participação capital. Como Secretário Interino do Governo da Província foi ele quem organizou o programa do cerimonial para a referida comemoração, o qual, idealizado a capricho e com pompas, é tornado público uma semana antes da data prevista. O ato solene que foi secundado por todas as autoridades presentes e pessoas

convidadas, em plena baía de Marajó, culminou com a leitura do ato de inauguração por Ferreira Penna. Em seguida, foi o mesmo assinado por ele, pelo Presidente da Província e por todos os presentes.

Ferreira Penna nunca se casou. Viveu solteiro toda a sua vida e jamais se soube porque agiu assim. Não sabemos se em sua vida existiu alguma mulher, mesmo quando jovem, a quem tivesse dedicado amor e estima. Qualquer que tenha sido o motivo, ele preferiu levar a vida em austera compostura, ditada pela sua consciência intransigente. Nos últimos trinta anos tornou-se um verdadeiro ermitão, exclusivamente voltado para o aprimoramento dos seus conhecimentos, divulgando-os ora por escrito ora verbalmente, assim enchendo sua vida de celibatário. Foi no fragor das dissensões políticas e administrativas que ressurgiu a idéia de instituir-se no Pará um Museu que abrigasse amostras dos três reinos da natureza amazônica e da manufatura indígena, já lançada em outubro de 1861, como artigo aditivo à Lei do Orçamento Provincial de 1862, pelos então deputados Joaquim José de Assis e Joaquim Pedro Corrêa de Freitas. Este artigo estipulava 600 mil réis para que o Governo fundasse o tão desejado museu. Entretanto, nada foi realizado de concreto nesse sentido. Ferreira Penna devia ter conhecimento dessa idéia e não a perdeu de vista. Com o volver de seus estudos sobre a Província do Pará, Ferreira Penna firmou o intento da criação urgente do Museu Paraense.

A estada em Belém do célebre naturalista Luiz Agassiz e sua comitiva, em meado de 1866, acelerou sobremaneira a decisão de Ferreira Penna em fundar o Museu Paraense.

A influência de Agassiz nos espíritos cultos e elevados da então sociedade de Belém deve ter produzido acentuada transformação nos velhos conceitos provincianos, pois, muitas décadas após, esse acontecimento ainda era bastante lembrado. É certo que o naturalista suíço teria discutido com Ferreira Penna e outros interessados na fundação do Museu o projeto de sua criação e mesmo insistido na sua urgente instalação. Contudo, o idealizador do Museu Paraense foi verdadeiramente Ferreira Penna, que envidou esforços para que essa instituição fosse uma realidade.

Não existiu no Pará uma escola de ensino superior durante o Período Imperial. Pouca preocupação houve neste sentido, da parte do governo, de políticos ou particulares. Entretanto, com a viagem de Ladislau Neto, Diretor do Museu Nacional, em fevereiro de 1882, veio à baila a idéia da criação de uma Universidade em Belém. A idéia, parece, teria partido do Governo da Província transmitida pelo cientista, para que opinasse sobre o projeto da referida Universidade, em apelo dirigido ao Ministério do Império. Nada mais sabemos sobre tal projeto. Encontra-se esta informação em uma Ata da Sessão do Conselho Diretor do Museu Nacional, de 5 de abril de 1882.

Quando a avançada visão de Domingos Ferreira Penna idealizou a criação do Museu Paraense, de certo visualizava introduzir no acanhado meio intelectual da provinciana Belém uma instituição que preenchesse a ausência de escolas superiores, e isto ficou perfeitamente expressa nos estatutos da Associação Filomática, instalada em 6 de outubro de 1866, como núcleo do futuro Museu, e mais tarde, na sua instalação oficial,

em 1871, no regulamento aprovado e baixado em 15 de abril pelo Dr. Joaquim Pires Machado Portela.

Ferreira Penna queria que o Museu Paraense fosse um instituto dedicado aos estudos científicos, tendo por base a História Natural e a Etnografia do Vale Amazônico. Mais ainda, divulgaria e mostraria o resultado das pesquisas através de exposições e conferências; serviria também para ministrar aulas de ciências naturais a alunos dos colégios e escolas e aos interessados, atraindo desse modo vocação para a Ciência.

Entre os muitos amigos que Ferreira Penna tinha em Belém figura o Dr. José Coelho da Gama e Abreu (mais tarde o Barão de Marajó), que, indo presidir o Governo da Província do Amazonas, pediu àquele que o acompanhasse para exercer a função de Secretário em sua administração. Ambos deixaram Belém no dia 17 de novembro de 1867. Em Manaus permaneceu Ferreira Penna até o final do Governo do Dr. Gama e Abreu, em 8 de fevereiro de 1868. Este afastamento temporário foi altamente proveitoso para o fundador do Museu, pois marcou uma etapa decisiva em seus estudos de geografia, etnografia e arqueologia. Uma ausência mais prolongada do ambiente que o desgostava em certos aspectos de certo lhe proporcionaria maior sossego quando de seu retorno.

Às vésperas de terminar o Governo do Dr. Gama e Abreu, Ferreira Penna recebeu do Presidente da Província do Pará, Vice-Almirante Joaquim Raimundo De Lamare, a incumbência de executar uma missão reservada do Governo no médio Amazonas. Essa missão incumbia Ferreira Penna de seguir de Manaus

para a cidade de Óbidos e af procurasse obter seguras informações da situação administrativa e política da região. A Comarca de Óbidos fora criada pela Lei Provincial nº 520, de setembro de 1867, e declarada de segunda entrância pelo Governo Imperial em dezembro do mesmo ano. O juiz de direito tomou posse do cargo em 16 de fevereiro de 1868 e foi nessa ocasião que Ferreira Penna recebeu a incumbência sobre a qual prestou depois contas ao Governo.

Quando se achava ainda nessa cidade, recebeu o explorador novo encargo do Presidente Raimundo De Lamare para que ampliasse o seu campo de estudos. Sem prejuízo da comissão que ainda executava em Óbidos, devia estender as observações pela vizinha Comarca de Santarém. O objetivo era estudar o estado e condições das localidades por onde tivesse de transitar, coligindo dados geográficos, estatísticos e históricos que interessassem à administração. O resultado dessa missão, Ferreira Penna apresentou em *A Região Ocidental da Província do Pará*, publicado pelo Governo em meados de 1869.

Até então Ferreira Penna ainda não havia abandonado a política em defesa de seus ideais republicanos, acreditando ainda numa possível mudança de regime; porém, mais cedo do que poderia julgar, ele percebeu que os tempos propícios ainda estavam ocultos em névoa espessa. Um motivo bastante sério faria com que ele abandonasse para sempre a luta pelos seus ideais. Isto se deu em meados de 1869, quando ele e mais os liberais, Dr. Joaquim de Asis, Dr. José Coelho da Gama e Abreu e Dr. José da Gama Malcher, resolveram fundar o jornal *O Colombo* então im-



presso no jornal *Diário de Belém*. O *Colombo* foi um pequeno jornal político, fundado em conceitos de elevado senso para a propaganda de uma causa popular. Logo porém surgiram atritos que ocasionaram o fechamento do jornal, tendo apenas circulado por cerca de três meses. Como assevera José Veríssimo, havia em Ferreira Penna uma nobreza de espírito e um caráter independente, com pouca flexibilidade, obrigando-o sempre a divergir em pontos que lhe feriam a sensibilidade, mesmo com os próprios amigos. E não transigia, mantendo-se firme nas suas opiniões.

Mal compreendido por amigos e, principalmente, pelos jornais conservadores de Belém, depois de algum tempo, Ferreira Penna veio pelo *Diário de Belém* defender-se das acusações que lhe atiravam. No dia 15 de outubro de 1869, publicava uma declaração no final da qual esclarecia o seguinte: "Não temos trocado, o Sr. Brígido e eu, comunicação alguma por escrito ou verbal em relação a qualquer pessoa que figura em política; e eu, bem ou mal, sei e tenho por princípio exprimir pela imprensa os meus pensamentos, firmando-os com a minha assinatura, sem mendigar favores de penas alheias".

Depois disto Ferreira Penna afastou-se da política de vez, embora várias vezes tenha sido convidado a ocupar cargos e funções públicas, além de várias comissões do Governo.

A maior contribuição que Ferreira Penna legou ao desenvolvimento cultural do Pará foi a criação e fundação do Museu Paraense (hoje Museu Paraense Emílio Goeldi). Inegavelmente, teve a ousadia de concretizar uma idéia que a muitos pare-

cia incompreensível e absurda. Ele desenvolveu esforços junto aos amigos, aos intelectuais da terra e mesmo junto ao próprio Governo da Província. Ferreira Penna achava que o Museu não devia ser uma repartição pública, mas uma entidade mantida sob subvenção popular. Do Governo podia apenas receber auxílio material e financeiro e, naturalmente, apoio moral. Com estes objetivos foi fundada a Associação Filomática, entidade inteiramente particular que tinha a finalidade de fundar e instalar o Museu Paraense, conforme estipulava o seu estatuto.

Ferreira Penna conseguiu congregiar em torno de si um certo número de intelectuais da sociedade de Belém. Todos estavam interessados na criação do Museu, mas pareceu que entre eles havia indagações sobre o modo como seria o mesmo mantido. Ferreira Penna era o pólo dessas questões, o que o deixava atribulado. O problema era o dinheiro e sem ele não se podia fundar nem manter o Museu.

No dia 6 de outubro de 1866 foi constituída e imediatamente tomou posse a Diretoria da Associação Filomática, mas foi somente em outubro de 1867, que a mesma Associação conseguiu alugar o Museu em uma casa alugada que se situava na rua de Santo Antônio, nº 26.

Havia um artigo importante dos Estatutos que estabelecia a criação de uma biblioteca própria para os trabalhos científicos do Museu. Aqui se percebe, perfeitamente, a idéia inspiradora de Ferreira Penna, pois já nessa ocasião ele se destacava como cientista, tendo assim exato conhecimento da necessidade de uma biblioteca numa instituição científica.

Quando o Museu foi instalado oficialmente em 25 de março de 1871, Ferreira Penna teve ocasião de dar começo à formação da referida biblioteca. Mas a mesma teve a infelicidade de surgir ao mesmo tempo que a Biblioteca Pública, da qual também era diretor, suscitando por isso injusta celeuma no Governo e em certos meios, o que obrigou Ferreira Penna a abandonar ambas as instituições e escrever um folheto em sua defesa. O meio intelectual de Belém à época era tão provinciano que os homens de então não tiveram tino bastante para sentir o alcance daquele benefício necessário.

O principal causador de toda aquela celeuma foi o poeta Júlio César Ribeiro de Souza, dotado de espírito ardente e muito inconstante e que mais tarde se tornaria famoso como um dos pioneiros da aeronáutica brasileira. Nascido na então vila do Acará, Júlio César era dotado de inteligência, embora muito dispersivo, o que lhe acarretou grandes transtornos em sua curta vida. Saliou-se como primoroso poeta, em estilo lírico e muitas vezes satírico, publicando uma coleção de poesias no livro *Pyraustas* e outras nos jornais de Belém.

O futuro aeronauta queria para si a direção da Biblioteca Pública, tendo em vista que Ferreira Penna acumulava os dois cargos, o desta e o do Museu; de modo que não foi difícil àquele urdir uma trama junto ao então Presidente da Província, Barão da Vila da Barra, para alijar o cientista mineiro da direção da Biblioteca. Nessa altura, o Museu estava alojado no edifício do Liceu Paraense, contíguo à Biblioteca. Mudou-se então o Museu para uma casa alugada na estrada de Nazaré (hoje Aveni-

da) e logo depois ocorreu a demissão de Ferreira Penna da Direção da Biblioteca, sendo nomeado incontinenti Diretor do Museu, com os vencimentos que percebia naquela. Ferreira Penna não aceitou a benevolência do Presidente da Província, motivado principalmente pela maneira como foi tratado por este e posteriormente atacado por Júlio César. Ferreira Penna defendeu-se fazendo publicar no jornal *Diário de Belém*, em capítulos, durante o mês de outubro de 1872, um longo arrazoado, respeitoso e convincente, mostrando publicamente as suas razões e seus direitos. Pouco tempo depois Ferreira Penna mandou imprimir este testemunho em forma de folheto, que logo se esgotou.

Para o Museu Paraense, o afastamento de Ferreira Penna seria fatal, não apenas na ocasião, mas durante todo o período do Império, embora estivesse sempre em contato com o mesmo. Mas, o Museu não seria mais a instituição pela qual ele tanto trabalhara e lutara. Daí por diante, as administrações provinciais limitaram-se apenas a manter precariamente o Museu como um simples mostruário de curiosidades amazônicas. Uma repartição a mais na administração da Província.

Pelos idos de 1882, o Museu declinará tanto em sua utilidade que o Governo da Província foi obrigado a convidar novamente Ferreira Penna para dirigir os destinos da repartição. Esperavam dele milagre, sem verbas, sem condições. Ferreira Penna relutou, dizendo-se impossibilitado de desempenhar as funções por vários motivos, mas por fim aceitou por insistência do Dr. João Rodrigues Chaves, Presidente da Província. Em 22 de agosto, Ferreira Penna assumia

a Direção do Museu.

A essa altura o naturalista, já bastante idoso, achava-se muito abatido; estava no último estágio de vida, cansado, doente e bastante atormentado pelas ciladas que a vida lhe pregara. Não alimentava mais desejos de ocupar funções de confiança na administração pública. Havia passado dez anos desde a última vez que, exatamente em agosto, Ferreira Penna se exonerava amargurado e desolado da direção do Museu.

Durante o ano de 1883 ele tentou reorganizar o combalido Museu, indicando ao Governo as medidas apropriadas para tal; sem grande dispêndio de dinheiro. Replicava então o Governo que o tesouro do Pará não permitia despesas com o Museu, quaisquer que fossem.

Mas Ferreira Penna, apesar das dificuldades financeiras da repartição que dirigia e de suas próprias, dos anos que lhe pesavam nos ombros e da impertinente doença que o atormentava continuamente, ainda trabalhava e estudava, engrandecendo os bens culturais da terra paraense. Foi nessa época que Ferreira Penna procurou alertar as autoridades da Província a respeito dos saques, que de uns dez anos a essa data, vinham sendo feitos nos sítios arqueológicos de toda a Amazônia, por elementos inescrupulosos nacionais e estrangeiros. Esse problema ele já havia discutido com o Dr. Ladislau Neto, quando este estivera em Belém, em fevereiro de 1882. O Dr. Ladislau Neto era, desde a década de 1870, Diretor do Museu Nacional e amigo de Ferreira Penna; viera a Belém com o intuito de visitar e estudar alguns sítios arqueológicos na ilha de Marajó e tomar contato com as tribos indígenas Tembé, Amanajá e Turi-

wara, localizadas no rio Capim. Ferreira Penna acompanhou aquele cientista em todas as explorações no Pará.

O principal objetivo de Ladislau Neto no Pará era adquirir, tanto quanto possível, material arqueológico e indígena da Amazônia, para uma exposição antropológica, que teria lugar no Museu Nacional em junho de 1882. Às vésperas de viajar para o Rio de Janeiro, o Diretor do Museu Nacional solicitou ao Presidente da Província, Dr. José da Gama Malcher, a pretexto de empréstimo, as coleções arqueológicas e etnográficas que se guardavam no Museu Paraense. A petição foi despachada favorável, sem contudo ser consultado o Conselho Administrativo do Museu. Estava na direção deste o Dr. José Coelho da Gama e Abreu, já Barão de Marajó, que relutou cortesmente contra a entrega dessas coleções que desfalcariam completamente o Museu.

Ferreira Penna nada pôde fazer, pois além de ser naturalista viajante do Museu Nacional desde 1871, embora não concordasse, como mais tarde insinuou, naquela ocasião acreditava integralmente na palavra do cientista Ladislau Neto. As coleções, que eram pioneiras, foram cedidas por empréstimo, mas até hoje não voltaram ao Museu Paraense, proprietário legal deste patrimônio. Essas coleções tinham duplo valor, histórico e científico; muitas delas foram descobertas e coletadas com o esforço e o trabalho de Ferreira Penna.

Mas, a respeito dos saques aos sítios arqueológicos, Ferreira Penna enviou no dia 4 de maio de 1883 ao Presidente da Província, Rufino Enéas Galvão, Barão de Maracaju, um offício "solicitando as necessárias ordens para que não se-

jam transportados para outras Províncias ou para países estrangeiros quaisquer dos artefatos constantes da *relação junta*, pertencentes aos cerâmios dos antigos índios de Marajó, e fazendo ainda outras ponderações a respeito.

O Presidente da Província sentiu também essa necessidade de coibir o abuso na depredação de um patrimônio nacional. Emitiu officios e tomou medidas. Hoje sabemos que elas nunca foram de fato colocadas em execução, pois a dilapidação dos sítios arqueológicos da Amazônia, especialmente os de Marajó, se processou por todo o fim do século passado, e ainda continuou no século XX acintosamente.

Por fim, agravando-se a doença de Ferreira Penna, o Governo concedeu-lhe, a pedido, em 26 de janeiro de 1884, seis meses de licença com vencimentos, da direção do Museu e da função de professor da Escola Normal, para tratar da saúde onde lhe conviesse. Não mais voltaria ao Museu, pois só teria vida por mais quatro anos, e com ele também o Museu Paraense. Nos primeiros dias de 1888 ambos deixariam de existir. Apenas uma diferença, Ferreira Penna desapareceria para sempre e o Museu Paraense, depois de dois anos, seria restaurado pelos governos da República.

José Verfssimo, na citada biografia de Ferreira Penna, deu escasos esclarecimentos sobre a atividade do mesmo como professor. De fato pouco se sabe a tal respeito. Não tinha nenhuma inclinação para o magistério, desempenhando-o em circunstâncias precárias, apenas como medida para solver problemas financeiros. Ferreira Penna era em verdade um pesquisador, um homem vol-

tado para as indagações na natureza e nos estudos históricos.

Em 13 de agosto de 1870, o Presidente Abel Graça havia nomeado Ferreira Penna para reger interinamente a cadeira de história do Liceu Paraense, enquanto o seu titular se encontrava com assento na Assembléia Legislativa. Relutou em aceitar a incumbência, mas acabou cedendo sob as ponderações do Dr. Abel Graça, seu amigo, que o nomeou novamente para a cadeira de geografia, matéria da qual era conhecedor. E, logo em seguida, officiou ao Presidente da Província, comunicando-lhe ter entrado no exercício do cargo e informando também que renunciava a "qualquer vencimento que poderia competir pelo exercício temporário do referido cargo". Essa decisão, alegou o nobre pesquisador, foi tomada somente com a finalidade de prestar um serviço à Província.

A função era provisória e duraria apenas o tempo de três ou quatro meses, enquanto o professor titular, que era deputado, desempenhasse suas funções durante as reuniões da Assembléia Legislativa. A respeito dessa nomeação, José Verfssimo, desconhecendo o caso, cometeu, ao que parece, um flagrante equívoco, dizendo que Ferreira Penna não aceitou o cargo em 1870, mas que em 1871 o aceitara renunciando aos vencimentos! Não foi assim o acontecido, mas como o descrevemos aqui.

A esse respeito, o que ocorreu em 1871, foi que queixas tinham sido feitas ao Governo sobre uma série de irregularidades que estavam sucedendo no Liceu Paraense, em manifesto prejuízo à educação e formação da juventude. Urgia uma reforma

completa das normas internas do colégio. Para isso o Presidente Abel Graça achou por bem nomear uma comissão no dia 21 de agosto daquele ano, composta de Domingos Ferreira Penna, Dr. Joaquim Corrêa de Freitas e Dr. Américo Marques Santa Rosa. Todos aceitaram a incumbência do Governo, apresentando depois de algum tempo circunstanciado relatório com novo estatuto para o referido Colégio.

Ferreira Penna começou a lecionar pela primeira vez na Escola Normal ao tempo da administração do Dr. Pedro Vicente de Azevedo em 1874. Por portaria de 15 de junho foi nomeado professor de geografia e história do Brasil e do Pará, exercendo o cargo a partir de 23 do mês citado, data da instalação oficial da Escola Normal. Esta já havia sido criada desde o tempo do Presidente Joaquim Machado Portela, pelo regulamento de 20 de abril de 1871, mas fatores adversos impediram-na de funcionar regularmente.

No Liceu Paraense voltou Ferreira Penna a lecionar a cadeira de história em 16 de fevereiro de 1876, substituindo o Dr. José Ferreira Cantão, seu titular, enquanto este servia como deputado na Assembléia Legislativa. Não sabemos ao certo o tempo de duração, mas isto deve ter ocorrido mais vezes.

Na Escola Normal, Ferreira Penna era o titular da cadeira de geografia e história, mas, durante todo o tempo que aí se conservou, passou a maior parte dele em contínuas licenças, ora para tratar da saúde, ora para cuidar de interesses particulares. Necessitava de tempo para dar conta do cargo de naturalista viajante do Museu Nacional, que se resumia em efetuar constantes via-

gens de estudo e coleta de material arqueológico, etnográfico e geológico, pelo interior do Pará. Parece que percebia do Museu Nacional, nessa função, 1:800\$000 (um conto e oitocentos) por ano.

Depois de muitos anos de trabalho e achando-se muito doente, e impossibilitado de cumprir a função de professor na Escola Normal, enviou um requerimento à Assembléia Provincial em 26 de novembro de 1886, pedindo contagem de tempo para a sua aposentadoria. Os deputados negaram-lhe a aposentadoria, concedendo-lhe apenas a jubilação, conforme a Lei nº 1.262, de 16 de dezembro de 1886. A jubilação nada mais era do que o afastamento do professor de sua função, ganhando muito pouco como inativo. Dessa maneira ficava Ferreira Penna reduzido a quase miséria. E, para piorar a situação, o próprio cargo de naturalista viajante do Museu Nacional havia sido suspenso desde o meado de 1884. O Presidente da Província concedeu-lhe a jubilação em 3 de agosto de 1887, recebendo vencimento até esta data.

Necessitando de dinheiro para tratar-se e naturalmente percebendo o seu fim próximo, Ferreira Penna, em março de 1884, propõe ao Governo a venda de sua biblioteca. Demorou um ano para que o Governo tomasse uma resolução, a qual foi finalmente dada por uma comissão nomeada para examinar os livros, selecioná-los e avaliá-los. Em nove de junho de 1885, a Presidência autorizou o pagamento da importância de 2:604\$000 (contos de réis) pela biblioteca incluindo também oito estantes para acomodação dos livros, os quais foram incorporados à Biblioteca Pública do Pará.

Além de ter exercido a função de naturalista viajante do Museu Nacional, ao qual serviu com dedicação e sabedoria (desde 13 de setembro de 1872 até 19 de abril de 1884, quando foi substituído pelo Dr. Hermann von Iehring, futuro fundador do Museu Paulista), orgulha-se aquela vetusta instituição de o ter tido por vários anos em seu quadro ativo de cientistas. Foi também Ferreira Penna membro destacado do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, admitido como membro correspondente em 21 de julho de 1876, apresentado então pelos ilustres consórcios conselheiro Homem de Melo, Dr. Perdígão Malheiro e major Couto de Magalhães.

Nessa ocasião, a comissão de História, apreciando devidamente a proposta que lhe fora enviada pelos ilustres consórcios citados, resolveu expedir o seguinte parecer sobre Ferreira Penna:

“Nos escritos *Estudos sobre o Tocantins e o Anapu*, saídos dos prelos em 1864, *Região ocidental da Província do Pará*, publicada em 1869 e *Notícia geral das Comarcas de Gurupá e Macapá*, dada à estampa em 1874, revelou o Sr. Penna espírito investigador, aplicação e gosto pelos estudos da Geografia pátria, coligiu muitos dados estatísticos relativos à indústria e à lavoura de diversas localidades oferecendo aos seus leitores vários conhecimentos sobre a fauna e flora daquelas vastas e riquíssimas regiões.

“Mostrando-se assim digno sucessor dos distintos historiadores da Província e nossos consórcios o coronel Inácio Accioli e o major Antônio Baena, de saudosa memória, tem o Sr. Penna os requisitos bastantes para ser admitido ao grêmio

deste Instituto”.

Domingos Soares Ferreira Penna foi, sem contestação, a personalidade mais marcante na vida cultural da antiga Província do Pará, durante a segunda metade do século passado. Ninguém emprestou tão grande contribuição às Ciências e às Letras no meio intelectual Amazônico, como o fez Ferreira Penna com a sua simplicidade. Muito cauteloso, nada fazia ou divulgava sem primeiro verificar a exatidão do caso a tratar. Escrupuloso e honesto, sua vida e suas obras são monumentos imperecíveis à posteridade.

O talento de Ferreira Penna não ficou preso à mediocridade provinciana, mas transpôs fronteiras nacionais e internacionais, mostrando ao mundo civilizado que no Pará também era possível a realização de trabalhos de alto nível com idéias novas e avançadas. Ferreira Penna teve projeção continental, e hoje seu nome está inscrito junto aos grandes vultos da ciência produzidos no Brasil e no mundo. O Pará não foi o berço deste homem e, por infelicidade, os paraenses foram ingratos com Ferreira Penna, pagando-lhe o amor entranhado que teve por esta terra e pelos notáveis trabalhos científicos e históricos que realizou com a humilhação, e com o olvido e negando-lhe até a sepultura onde foi enterrado.

A obra deixada por Ferreira Penna não é volumosa, mas também não é pequena. As que ele escreveu sobre geografia e história foram comentadas por José Veríssimo, Barão de Marajó e, antes deles, Ciríaco Alves da Cunha e muitos outros na atualidade, Virgílio Corrêa Filho, em “Vultos da Geografia no Brasil”, publicado em 1946 na *Revista Brasileira de Geografia*, disse em síntese o

que foi Ferreira Penna como geógrafo: “Embora não seguisse os padrões na análise regional, modernamente sistematizado pelos geógrafos, define com segurança as características fisiográficas e econômicas dos municípios examinados consoante os processos que ainda repetira em *Notícia Geral das Comarcas de Gurupá e Macapá* (1874 e *A Ilha de Marajó* (1875)”. O comentarista nas entrelinhas estava referindo-se às obras anteriores de Ferreira Penna, *O Tocantins e o Anapu* (1864), e a *A Região Ocidental da Província do Pará* (1869).

Frederico Katzer, na qualidade de cientista geólogo, formulou segura e honesta opinião a respeito das obras deixadas pelo colega brasileiro. Katzer chegou a Belém em fevereiro de 1896 contratado por Emílio Goeldi para organizar e chefiar a Seção de Geologia e Mineralogia do Museu Paraense. Na época o nome de Ferreira Penna ainda estava vivo em conversas cotidianas dos que foram seus amigos e dos intelectuais da terra. Katzer teve, pois, oportunidade não apenas de compulsar a obra daquele sabedor das coisas amazônicas (mais do que qualquer outro) como também de ouvir e conhecer fatos de sua vida. Na sua obra *Grundzuge des Geologie des unteren Amazonasgebietes (des Staates Pará in Brasilian)*, publicada em 1903 e quase trinta anos depois traduzida para a língua portuguesa, em 1933, no *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, volume IX, com o título de “Geologia do Pará”, escreveu uma análise ponderada, desapaixonada (pois Katzer nem brasileiro era) e científica dos trabalhos e da atividade de Ferreira Penna no campo da geografia e geologia amazônicas, como

adiante se transcreverá:

“Também aqui o seu temperamento inconstante não o permitiu conservar-se perseverante numa profissão; ocupou até 1870 vários cargos junto do Governo do Pará e do Amazonas e no decorrer desse tempo desenvolveu a sua atividade como lente de História e Geografia numa antiga escola média do Pará, como diretor da Biblioteca Pública, como diretor do Museu e com especialidade como explorador e consultor geológico do Governo. A esta última atuação devem-se as preciosas informações sobre as condições geográficas de diversas seções da região do Amazonas, as quais indiscutivelmente são das melhores contribuições que a literatura brasileira pode apresentar neste domínio. Contém os seus relatórios numerosas indicações sobre a geografia física e a geografia da região do Amazonas, porém multifárias comunicações fez também oralmente a Hartt e seus discípulos e outros exploradores especialistas. Nestas informações de Penna, na parte concernente às condições geológicas de diversas regiões, baseiam-se todos os conhecimentos atuais que delas possuímos. É lamentável que várias coleções importantes trazidas por Penna das suas extensas viagens se perdessem, e, ainda mais, que vários trabalhos de grandes empreendimentos por ele iniciados e para os quais possuía material não fossem levados a termo. Um destes referia-se ao Salgado, zona litorânea a leste do Pará. Por ocasião dos estudos preliminares para esta obra, Penna descobriu, em 1876, os depósitos sedimentários muitos fossilizados entre Bragança e Salinas, colecionando ali muitos fósseis que mais tarde foram classificados por White e atribuídos

aos sistemas cretáceo. Como cientista, na sua terra natal muito estimado e altamente respeitado por todos os exploradores estrangeiros que penetraram nas regiões amazônicas, aos quais, com o seu saber e as suas experiências, ele sempre auxiliou de bom grado”.

“Outro brasileiro, João Barbosa Rodrigues, como botânico e geógrafo, adquiriu na Europa muito maior notoriedade do que Penna; este, entretanto, o excedia em proibidas de científica.”

Com Barbosa Rodrigues o relacionamento de Ferreira Penna foi efêmero, cheio de atritos e desgostos. Nesta altura o fundador do Museu Paraense com os seus 55 anos de idade teria, em 1872-75, desagradáveis contratempos com o então ousado João Barbosa Rodrigues, jovem de menos de 30 anos. Este, comissionado pelo Governo Imperial para fazer diversos estudos na Amazônia, chegou a Belém em princípios de 1872. Depois desta visita passou aqui várias vezes, onde teve ocasião de tomar contato com o Museu Paraense e com Ferreira Penna. Barbosa Rodrigues, um espírito vivo e muito entusiasmado, encontrava em tudo motivo para qualquer estudo, observação ou mesmo formulação de hipóteses.

Em 1874, Barbosa Rodrigues deparou em Belém, na casa de um senhor bastante conhecido de Ferreira Penna, com a fotografia de duas urnas desenterradas no Pacoval de Marajó por duas pessoas diferentes, sem ter visto as urnas originais. Ferreira Penna, amigo dos coletores, teve oportunidade de as fotografar e de as estudar pormenorizadamente muito antes daquele explorador. Então o botânico, não tendo conhecimento disso, resolveu fazer um estu-

do das urnas, baseado em uma das fotos tiradas por Ferreira Penna. Deste modo os resultados foram publicados no artigo “Antigüidades do Amazonas”, inserto na revista *Ensaio de Sciencia* (Rio de Janeiro, 1875).

Ferreira Penna não perdoava a ninguém a desonestidade e erros por negligência ou ignorância, pelo menos em trabalhos científicos. Por isso procurou desmascarar, correta e lealmente o autor daqueles disparates, nos *Archivos do Museu Nacional* (1877, p. 73-76). Ferreira Penna resumiu o seu pensamento sobre Barbosa Rodrigues nas seguintes palavras: “Em matéria de ciência, mais do que na vida prática, a pressa foi e há de ser sempre inimiga da perfeição; e desta vez a pressa, aliás de todo o ponto infundada, arrancou ao Sr. B. Rodrigues uma partícula do mérito do seu escrito”.

Algum tempo depois Barbosa Rodrigues, descontente com a lição do mestre, publicou umas notas com o título “Observações sobre as Duas Urnas Descritas e Figuradas pelo Sr. Domingos Soares Ferreira Penna em seu artigo “Apontamentos sobre Cerâmios do Pará”, inserto na revista *Archivos do Museu Nacional*”, publicada no seu livro *Antigüidades do Amazonas* (1879, Rio de Janeiro, p. 57-74), na qual procurou defender-se e ao mesmo tempo vergastar, a sua maneira, a honorabilidade do fundador do Museu, com muita descortesia. Supomos que Ferreira Penna não tenha tomado conhecimento das digressões de seu opositor, porque este tipo de polêmica não lhe agradaria e porque achava isto sem finalidade alguma.

Os trabalhos científicos que tornaram Ferreira Penna conhecido



são os estudos ordenados e pacientes que efetuou no campo da arqueologia amazônica. Foi pioneiro em todos os aspectos, embora tenham existido e ainda existam controvérsias sobre a prioridade destes estudos. Vinculados à arqueologia de Marajó encontramos os nomes de Charles Hartt, W. Bernard, J. Steere e Orville Derby, esquecendo todos os que a estes estudos têm-se dedicado a importância de Ferreira Penna, e os de um outro nome ilustre daquela época, Dr. Francisco da Silva Castro, nascido no Pará.

O paraense e o mineiro foram, sem dúvida, os primeiros pesquisadores que manusearam, estudaram e deram real valor científico aos objetos de cerâmica dos índios extintos de Marajó, Maracá (Amapá) e provavelmente outros sítios. Foram eles que mostraram àqueles cientistas estrangeiros a existência e a importância dos achados. Entretanto, sagazes e de intuição científica muito apurada, foram especialmente os professores Hartt e Steere. Aquele, com mais elementos, técnica e facilidades, tratou logo de ganhar a dianteira e divulgar ao mundo (em inglês, nos Estados Unidos) a riqueza arqueológica da bacia amazônica, até então insuspeitada e mesmo tida como pobre ou inexistente.

Fazemos notar aqui que Ferreira Penna era um homem modesto e tímido de natureza, no aspecto científico, o que o prejudicou sobremaneira, como já tivemos oportunidade de focalizar linhas antes. O Dr. Silva Castro, um tanto mais afoito, contudo também muito modesto apesar de ser um homem formado em Universidade estrangeira, com doutorado que lhe facultava o direito da pesquisa. A Arqueologia, contudo,

não era sua especialidade, embora tenha demonstrado interesse por ela e pela Etnografia. Colecionava objetos da indústria indígena, antigos e recentes, com bons conhecimentos deles, porém não os estudou com o objetivo que os especialistas lhes dão, como era o caso de Ferreira Penna na Arqueologia.

O Dr. Francisco da Silva Castro além de médico era naturalista, tendo durante sua vida escrito alguns artigos científicos sobre Zoologia e Botânica. Nascera em Belém, em 1815, portanto três anos mais velho que Ferreira Penna e faleceu aos 84 anos, em 1899.

Não sabemos ao certo desde quando o Sr. Francisco Castro colecionava e estudava os objetos de cerâmica de índios extintos, provenientes de vários sítios da região Amazônica. Mas desde a década de 1860 ele já lidava com esses elementos, tendo perfeito conhecimento da significação de tais objetos, como um conjunto da indústria artesanal de povos que viveram em épocas distantes. De 1865 a 1869 o Dr. Castro ofereceu numerosas e importantes coleções arqueológicas e etnográficas, bem como zoológicas, botânicas e mineralógicas ao Museu Nacional do Rio de Janeiro, Universidade de Cristiânia (hoje Oslo) e Academia Real das Ciências de Estocolmo, aquela na Noruega e esta na Suécia, e também ao Museu Paraense, do qual foi prestimoso colaborador.

Desde essa época, portanto, o Dr. Silva Castro tinha conhecimento da existência dos sítios arqueológicos de Pacoval em Marajó e do rio Maracá, na antiga Guiana Brasileira, hoje Estado do Amapá. Foi principalmente através do Dr. Castro que Ferreira Penna veio a tomar conhe-

cimento da existência da arqueologia amazônica, pela qual adquiriu notável admiração, passando a dedicar o resto de sua vida a investigar e interpretar o enigma da origem das populações indígenas amazônicas.

Quando em 25 de março de 1871 o Museu Paraense foi instalado oficialmente pelo Presidente da Província, Dr. Joaquim Machado Portela, o Dr. Francisco Castro ofereceu (como já o havia feito em 1867) vários objetos de história natural e artefatos indígenas, entre os quais salientou-se um "sarcófago" (como então foi chamado), isto é, igaçaba ou urna funerária, imitando a forma humana, contendo ossos. Esta curiosa urna, que chamou logo a atenção dos estudiosos, principalmente de Ferreira Penna, havia sido encontrada no Rio Maracá, nas proximidades da vila de Mazagão, exumada de um antigo cemitério indígena. Assim, em 1872 Ferreira Penna estava efetuando as primeiras visitas em vários sítios de Marabá, extraindo daí notáveis objetos de cerâmica, cabendo a ele, pois, a primazia de ter estudado e interpretado com algumas considerações o significado da cerâmica desse povo desconhecido.

Antes porém, em meado de 1870 é que Ferreira Penna teve ocasião de mostrar os achados arqueológicos do Pacoval, em Marajó, ao geólogo americano Charles Hartt, quando aqui esteve com discípulos seus, entre os quais Orville Derby e Herbert Smith. Em outubro desse ano Hartt enviou a Pacoval o seu aluno, W. Barnard que no retorno trouxe várias peças de cerâmicas, confirmando a existência desses sítios índios.

A contribuição de Ferreira Penna ao desenvolvimento dos estu-

dos da arqueologia amazônica e dos levantamentos dos sítios e necrópoles indígenas então conhecidos é pioneira e informativa. Todos os que estudaram este assunto e analisaram a sua obra são unânimes em afirmar que Ferreira Penna foi sensato, honesto e escrupuloso nas informações. Como todo pesquisador pioneiro, Ferreira Penna abriu uma toska estrada com acertos e erros, procurando sempre acertar e por isso teve também seguidores e os que não concordaram com suas opiniões. Sobre ele escreveu Orville Derby, muito amigo seu, em 1874, em artigo publicado no jornal *Diário do Gram Pará*, de 10 de janeiro, sobre a "Ilha de Marajó": "Em 1870, no Pará, um distinto brasileiro, o Dr. Ferreira Penna, chamou para aquelas preciosidades (Pacoval) à atenção do Prof. C. F. Hartt, quando este ali se achava na exploração geológica do vale do Amazonas".

De lá para cá, todos quantos vêm estudando a arqueologia do vale amazônico desde C. Hartt, J. Steere, O. Derby, Barbosa Rodrigues, H. Smith, Ladislau Neto, S. Linné, C. Nimuendajú, Carlos Estêvão, Heloisa Torres, H. Palmatary, o casal B. Meggers e C. Evans, P. Hilbert e, mais recentemente, Mário F. Simões, do Museu Paraense, prestaram a devida consideração aos trabalhos de Ferreira Penna, pois os seus estudos têm sido um guia inestimável.

Nesse campo poderia Ferreira Penna ter produzido muito mais, se inúmeros fatores adversos não tivessem tolhido sua atividade física e mental. Quanto à saúde, ela lhe atrapalhou bastante o trabalho. Era de compleição frágil, mais apropriada a trabalhos de gabinete sem esforço físico, do que a viagens longas, pe-

nosas e estafantes, que lhe desgastavam ainda mais a pouca saúde que tinha. Vivía sempre recolhido ao lar, doente, ora com febres, ora com cansaço e outros tormentos. Por outro lado, mais não fez porque Ferreira Penna não teve a sua disposição facilidades governamentais, exceto algumas poucas vezes, nem dinheiro suficiente para trabalhos desse tipo, nem ajudantes. Muitas vezes, como ele mesmo o afirma, teve de tirar do seu bolso algum dinheiro, do pouco que ganhava, para poder efetuar serviços de escavação em sítios arqueológicos que ele considerava de capital importância. Assim o fez várias vezes em Pacoval, Maracá, Miracanguera, litoral de Salinas e Pirabas e nas cachoeiras do Xingu. Com respeito a estas últimas, Ferreira Penna descobriu, em 1879, inscrições indígenas antigas nas rochas que margeiam aquele grande rio, próximo à grande cachoeira de Itamaracá.

Dessa viagem pouco ou nada conseguiu, pois acometeu-lhe grave moléstia, impossibilitando-o por muito tempo de executar esse e outros trabalhos. Como jamais poderia executar a cópia das inscrições, Ferreira Penna procurou contratar um fotógrafo e desenhista, para lá ir fazer o serviço. Mas esse homem em 1880 pediu 800\$000 (oitocentos mil réis) para executar o trabalho, o que impediu de ser feito, pois Ferreira Penna era demais pobre e nunca poderia despender tal soma. Mas para não perder a oportunidade, dirigiu-se em 1885, por meio de uma carta ao Presidente da Província, Dr. Tristão Araripe:

“Repugnando-me contudo a abandonar o meu intento, chamei um fâmulos que sempre me acompanhou nas minhas viagens ao interior da

Província, e, dando-lhe instruções práticas sobre o modo de obter um molde da inscrição, dei-lhe os materiais necessários e despachei-o para o Xingu em 18 de dezembro, confiado muito somente na sua inteligência natural, visto faltar-lhe toda sorte de instrução excetuando a primária e essa mesma rudimentar”.

“Regressou, trazendo-me não o molde (de que apenas obtive dois fragmentos ou estampas em folhas de papel) mas uma cópia da pintura, declarando-me que, por estar o sítio já invadido pelas águas das cachoeiras, e não ser o papel de boa qualidade, não lhe foi possível apanhar senão a pintura e aquelas três folhas do molde, mas estampadas”.

Este resultado mandou Ferreira Penna ao Dr. Ladislau Neto, Diretor do Museu Nacional, solicitando-lhe que mandasse um homem hábil às cachoeiras de Itamaracá colher por inteiro as inscrições. O homem veio, mas quando lá chegou nada conseguiu obter em virtude da enchente do rio. Justamente em 1885, vem novamente Ferreira Penna pedir ao Presidente da Província que “mandasse com urgência às cachoeiras do Xingu um artista capaz de desempenhar tão importante trabalho, ficando o molde depositado no Museu Paraense a quem deve pertencer, se V. Exa. assim o entender, e onde poderá facilmente ser examinado, estudado e mesmo recopiado por alguns homens estudiosos e americanistas nacionais e estrangeiros”.

Esta solicitação de Ferreira Penna não foi atendida em tempo oportuno, nem pelo Dr. Tristão Araripe, por ter logo deixado a administração da Província, nem pelos que o sucederam. Apesar da idade e há muito combalido, o velho naturalista

ainda se preocupava com questões científicas de relevante importância, e angustiava-se por não ser mais fisicamente capaz de realizar os duros trabalhos de campo. E, como é fácil de observar, o Museu Paraense estava sempre em suas cogitações como instituto de pesquisa e repositório dos objetos preciosos que se encontrassem no interior do Pará. Infelizmente os seus contemporâneos não estavam à altura de entender esta maneira de ver os assuntos verdadeiramente científicos.

Além dos conhecimentos de Geografia, Geologia e Arqueologia, tinha também Ferreira Penna alguns sobre Botânica e Zoologia. Parece-nos que mais daquela que desta. Com respeito à Botânica, ele deu mostras de que conhecia as plantas, referindo-se a elas correntemente em todos os seus trabalhos de reconhecimentos geográficos, já citados. Ele identificava especialmente todas as árvores, plantas e arbustos conhecidos da flora amazônica. José Veríssimo, na biografia, assevera essa particularidade de Ferreira Penna. No entanto, achamos curioso que no Museu Paraense do tempo da Província pouco interesse foi dado aos representantes florísticos. Foi mesmo muito pobre ou quase inexistente.

Quanto à Zoologia, as noções que dela tinha eram bem mais modestas, mas temos certeza de que ele sabia até certo ponto identificar algumas espécies da nossa fauna e não foi insensível à estupenda riqueza das espécies amazônicas. Fazemos notar que ele tinha bom conhecimento da malacologia, e naturalmente a isso chegou levado pela necessidade de estudar os sambaquis do Pará. Como é sabido, Ferreira Penna foi também o primeiro a estudar e esclarecer o

significado e a existência desses numerosos montes de conchas deixados por índios extintos.

Como etnógrafo e lingüista saíentou-se também Ferreira Penna, deixando em todos os seus trabalhos inúmeras observações sobre várias tribos indígenas com que teve oportunidade de conviver. E sobre os índios tinha uma opinião formada, na qual abordava o tema difícil de sua origem e expansão, condição tribal e o complexo assunto da catequese sob o ponto de vista histórico e as relações amistosas ou inamistosas com a nossa civilização. Com o vocabulário da *Língua dos Aruans*, Ferreira Penna obteve grande sucesso, pois com ele foi possível formar uma melhor idéia a respeito da origem da língua desses povos que habitaram a Amazônia em migrações sucessivas, vindos da América Central, Antilhas e Andes.

Durante quase 20 anos Ferreira Penna dedicou-se a explorar e investigar o interior da Amazônia, especialmente do Pará, ora sob o aspecto geográfico e geológico, ora com vistas à Arqueologia e Etnografia. Muitas dessas viagens foram bem fixadas, anotadas, contudo outras não estão bem definidas. Há algumas que foram feitas e sobre as quais não temos idéia alguma. José Veríssimo pouco esclarece a esse respeito, mas é bem possível que Ferreira Penna tivesse, ao morrer, deixado algumas referências sobre as viagens que efetuou. Como naturalista viajante do Museu Nacional, ele realizou muitas explorações e naturalmente sobre o resultado delas tinha de dar conhecimento ao Diretor daquela instituição. Ele o fazia por cartas ou relatórios e por isso esses documentos estão conservados nos Arquivos da-

quele Museu.

De acordo com os dados que, até agora, conseguimos obter, citaremos a seguir as viagens e explorações que Ferreira Penna realizou, considerando a ordem cronológica:

1863 e 1864 – Baixo rio Tocantins até a cachoeira Guaribas; Breves, Rio Anapu e estuário do Rio Pará, entre 9 de dezembro e fins de janeiro, em comissão do Governo da Província.

1867 e 1868 – Manaus e região da foz do rio Negro (quando Secretário do Governo da Província do Amazonas).

1868 – Óbidos, Alenquer, Faro, Alter do Chão e Vila Franca; Ererê, rio Tapajós até Itaituba, em comissão do Governo do Pará, de fevereiro a maio.

1868 – Segunda viagem para completar as pesquisas da comissão do Governo, visitando a região de Monte Alegre, de junho a agosto.

1871 – Ilha de Marajó, lago Arari, sítio de Pacoval e várias fazendas de gado, em Comissão do Governo, como Diretor do Museu Paraense, de 3 de novembro a 12 do mesmo.

1872 – Ilha de Marajó, visitando o lago Arari e Pacoval, além de outros locais; Gurupá, Macapá; rio Xingu até às cachoeiras; no rio Paru até as cachoeiras; Almeirim; rios Tauaré, Aramacu e Jari até as cachoeiras; rios Cajari, Maracá; rio Magazão, Anajás, Aramá e furo Jaburu, para estudos geográficos e arqueológicos, em comissão do Governo, de janeiro a março, como Diretor do Museu,

1872 – Novas visitas à ilha de Marajó e rio Maracá; Almeirim, Gurupá, rio Jari, Porto de Moz, ilha de Santana e a costa da antiga Guiana Brasileira, atual Estado do Amapá, a partir de outubro, para estudar os sítios arqueológicos e as ruínas dos antigos fortes e fortins, erguidos pelos ingleses, holandeses e portugueses, durante a conquista da Amazônia, no século XVII.

1873 – Marajó, visitando alguns sítios arqueológicos nas proximidades do lago Arari, entre os quais os sítios do Pacoval e Santa Izabel. (Não sabemos as datas, porque a viagem foi realizada em caráter particular).

1874 e 1875 – Exploração pormenorizada de grande parte da Ilha de Marajó em comissão do Governo do Pará, estudando o aspecto geográfico, histórico, demográfico e estatístico. Essa comissão foi realizada em duas épocas diferentes, uma em maio de 1874 e outra em começos de 1875.

1876 – Baixo rio Tocantins, região de Cametá, visitando alguns sambaquis ali existentes.

1876 – Costa litorânea do leste do Pará, Salinas e São João de Pirabas, para estudar os sambaquis ali existentes, no início do ano. (Nessa ocasião localizou os grandes afloramentos fossilíferos atualmente considerando do terciário miocênico denominado formação Pirabas, mas na época admitidos como cretáceo por Charles White e O. Derby).

1876 – Segunda exploração do litoral leste do Pará; talvez em julho e

agosto, para estudar os sambaquis de Curuçá e Jassapetuba, este mais acima.

1877 – Exploração do sítio arqueológico de Miracanguera, localizado próximo à foz do rio Madeira; outros sítios no Amazonas, como Itacoatiara e Óbidos. (Não sabemos precisar os meses, pois a viagem foi particular).

1877 – Exploração da costa atlântica do Amapá, desde o rio Oiapoque até a costa do lado do Amazonas, incluindo o rio Maracá e também alguns pontos de Marajó.

1877 – Nova exploração ao sítio ou jazigo arqueológico do rio Maracá no Amapá.

1877 – Mais duas viagens a Marajó, em busca do último indivíduo remanescente da tribo dos Aruans, para obter dele duas centenas de palavras da língua daquele povo. Não sabemos qual tenha sido o período em que Ferreira Penna realizou as duas viagens.

1879 – Exploração do baixo Xingu até as primeiras cachoeiras (a de Itamaracá), com o objetivo de copiar as inscrições ali existentes.

1882 – Ilha de Marajó, visitando os jazigos de Pacoval, Santa Isabel e outros. Esta viagem foi realizada em companhia do Dr. Ladislau Neto, em fevereiro desse ano.

1882 – Rio Capim, tendo em vista o contato com elementos das tribos Tembé, Amanajá e Turiwara. Também essa viagem, que parece ter sido a última de Ferreira Penna, foi realizada em companhia do Dr. Ladislau

Neto e durou de 13 de fevereiro a 25 do mesmo mês.

Por fim, a 6 de janeiro de 1888, Domingos Soares Ferreira Penna deixava de existir, esquecido dos paraenses. Durante 30 anos ele emprestara todo o seu trabalho e o seu saber ao engrandecimento desta terra. Poucos homens nascidos no Pará contribuíram tanto para o seu progresso e desenvolvimento quanto o sábio e modesto mineiro. Por isso José Veríssimo, na biografia do velho naturalista, bem no final exclama aflito:

“Onde param os restos de Ferreira Penna? Repousam ainda na cova em que foram enterrados, ou terá a Misericórdia regateado aos ossos do honrado e laborioso funcionário, do dedicado e provecto estudioso das coisas paraenses, uns mesquinhos palmos de terra?”

“Ignoramos”.

Nessa época, José Veríssimo, no Rio de Janeiro, para onde se transludara desde 1891, não mais teve conhecimento do que havia ocorrido com os restos do inditoso cientista. Daí aquela sua exclamação de dúvida e apelo. Onde foram parar os ossos de Ferreira Penna? O que ele chamava de “Misericórdia” se referia à Santa Casa de Misericórdia que superintendia os cemitérios de Belém. Temos quase certeza de que José Veríssimo sabia por intuição o que ocorreria aos restos mortais do seu velho amigo. Ferreira Penna foi sepultado em cova simples, quase como um indigente, na sepultura nº 9.686 do Cemitério de Santa Isabel, dentro da antiga quadra que se localizava bem próximo ao portão principal. Os seus ossos foram, depois de setenta e dois anos, retirados da sepultura referida

e jogados anonimamente na vala comum, a primeira que foi aberta no mencionado cemitério. A exumação ocorreu em 1894, exatamente no ano que coincidia com a reforma do Museu Paraense, levada a cabo pelo Governador Lauro Sodré e Emílio Augusto Goeldi.

Quanto ao apelo que José Veríssimo fez na mesma biografia, pedindo um modesto monumento ao esquecido cientista, foi atendido alguns anos mais tarde, pelo então Governador Augusto Montenegro. Agora vem à baila, tangida pela seqüência do assunto, uma questão que tem causado admiração a tanta gente. Por que o Museu ostenta o nome de Emílio Goeldi e não o de Ferreira Penna, que foi o idealizador e fundador do mesmo?

Como já é do conhecimento, o Museu foi idealizado e instalado com o nome de Museu Paraense e assim permaneceu até 1900, a despeito das duas importantes reformas por que passou, a primeira em 1891 e a segunda em 1894, sob a direção de Emílio Goeldi. A reforma que este naturalista imprimiu ao Museu foi de tal forma radical que, dentro de seis anos, a fama de suas pesquisas, suas exposições, seus boletins técnicos e seu parque zoo-botânico correu mundo. Não se discute aqui o impulso e o trabalho de Emílio Goeldi como cientista.

Durante o período monárquico, nem Ferreira Penna, nem os diretores que lhe sucederam tiveram qualquer verba suficiente para melhorar o Museu, nem sonharam com as quantias que teve Goeldi a sua disposição em 1894, maior ainda em 1895 e nos anos seguintes. Lauro Sodré como Emílio Goeldi e depois Paes de Carvalho gabavam-se da

criação nova do Museu Paraense, pois, como diversas vezes disseram, o antigo Museu nada representava por não ter nunca servido às suas finalidades. De fato, o Museu do tempo do Império e dos primeiros anos da República não alcançou o que dele se esperava porque foi desprezado, incompreendido e relegado a plano de uma inútil repartição pelas autoridades e administradores daquela época.

É tempo, contudo, de fazermos justiça ao passado do velho Museu Paraense e à memória de Ferreira Penna e a todos aqueles que o coadjuvaram para sua criação e instalação. Lauro Sodré, Emílio Goeldi e Paes de Carvalho esqueceram-se de que em 1894 o Museu já existia, funcionando, desempenhando suas finalidades, bem ou mal. Existia desde 1866! O Governador Lauro Sodré resolveu transformar o velho Museu Paraense, chamando para executar tal serviço o cientista Emílio Goeldi, de nacionalidade suíça e havia nove anos radicado no Rio de Janeiro, e o fez por quê? Porque em Belém já estava funcionando aquele Museu, sem poder executar seus objetivos devido a fatores contrários. Ora, se o Museu Paraense não existisse, supomos que Emílio Goeldi não viria ao Pará criar um, nem teria o que reformar! Só o fato de existir alguma coisa palpável, funcionando bem ou mal, mas com uma finalidade, foi decisiva motivação para realizações maiores, com horizontes mais amplos. Infelizmente olvidaram tudo isso. E era natural. A República queria esquecer o passado, mas um dia essa República nova também seria velha e banida a toque de revolução e substituída por outras Repúblicas, sucessivamente até os dias de hoje. Esqueceram-se das lições da História

para se empolgarem, apenas, com o presente.

Na mensagem ao Congresso Legislativo do Estado em 7 de setembro de 1920, o Governador Lauro Sodré, quando governava o Pará pela segunda vez, escreveu:

“Houve dantes aqui *alguma coisa a que se deu a denominação de Museu Paraense*. Cabia dentro de uma sala. Sabendo embora que era o resultado da boa vontade e dos patrióticos esforços de brasileiros muito interessados pelo progresso da antiga província do império, em nada depreciei essa instituição quando dela falei em 1893”.

Na realidade, o Museu, de 1893 ou 1894, não era uma “coisa com a denominação de Museu Paraense” dos tempos do Império, pois em 1891, o Governo republicano efetuara nele radical transformação, embora não a tendo levado a sério. Parece que Lauro Sodré foi mais tarde censurado pela maneira com que se referiu ao Museu, negligenciando os esforços e o patriotismo de Ferreira Penna e de outros ilustres paraenses que ao mesmo se ligaram.

Depois de três décadas com a denominação que lhe atribuíram os seus fundadores, em 1901 deixaria de ser Museu Paraense para tornar-se Museu Goeldi. O Governador José Paes de Carvalho, entusiasmado com a obra magnífica executada por Emílio Goeldi, na total restauração do Museu e, por outro lado, cheio de contentamento pela valiosa e decisiva contribuição daquele cientista em defesa dos direitos do Brasil no caso do Contestado do Amapá contra a França, não titubeou em mudar o nome tradicional da instituição, homenageando-o com a denominação de Museu Goeldi. O próprio Goeldi

não queria aceitar tão grande benevolência do Governo, mas acabou se conformando e então o Governador baixou o Decreto nº 933 de 21 de dezembro de 1900, estabelecendo aquela denominação.

Ainda que a homenagem e o preito de gratidão do Estado do Pará fossem perfeitamente justos, parece que não agradou aos espíritos mais sensíveis da época, porque acima de tudo obliterava a memória do sábio Ferreira Penna, que não ficava a dever, como brasileiro, ao pesquisador estrangeiro que foi Emílio Goeldi. Grande injustiça acabava de ser cometida contra Ferreira Penna, o que levou o Dr. Augusto Montenegro, como Governador, algum tempo depois a tomar a resolução patriótica de homenagear aquele grande conhecedor da Amazônia.

Em 1902, esse Governador tomou a decisão de mandar erigir, no parque botânico do Museu, um monumento com o busto de Ferreira Penna, projeto do qual se encarregou o Dr. Emílio Goeldi, que se mostrou regozijado pela justa decisão. É preciso que se note um fato importante a respeito de Goeldi. Geralmente era muito parcimonioso em elogios, mas tinha grande admiração e respeito pelos trabalhos e valor de Ferreira Penna e nunca poupou-lhes encômios, aliás combatendo vivamente o esquecimento em que jazia. No Rio de Janeiro, José Veríssimo foi incumbido de promover a confecção do pedestal, em granito carioca, e o busto em bronze foi esculpido pelo renomado artista chileno-brasileiro Rodolpho Bernardelli. Aquele escritor, ao concluir a biografia de Ferreira Penna em 1894, apelava para que o Governo erigisse um modesto monumento ao esquecido cientista,



“ou sobre sua cova ou onde melhor caiba tão justa e devida homenagem”. Foi ele, afinal atendido e, por força do destino, também o encarregado de tão nobre concretização.

A obra demorou bastante tempo, mas, finalmente, o monumento foi inaugurado pelo Governador Augusto Montenegro, o Intendente de Belém, Antônio José de Lemos e o então Diretor do Museu, Dr. Jacques Huber, no dia 22 de junho de 1908. Depois de 20 anos de sua morte, o Estado do Pará pagava, modesta mas significativamente, a dívida para com Domingos Soares Ferreira Penna. Emílio Goeldi, que tanto o admirava, já não estava presente, pois, em 22 de março de 1907, resignara o cargo de Diretor do Museu, que vinha exercendo desde 1894, viajando de vez para a Suíça, sua terra natal.

O monumento inaugurado compõe-se de três peças trabalhadas em rochas diferentes, encimado pelo busto do notável amazonólogo. A primeira peça em mármore assenta no solo como base; é um quadrado com 2,05 m de cada lado e cerca de 0,26 m de altura. Sobre esta repousa um grande bloco de granito, trabalhado, com as arestas arredondadas, medindo de cada lado 1,60 m com 0,50 m de altura. Assentado neste, ergue-se o longo pedestal de granito trabalhado, em forma de obelisco equilátero; mede na base 0,85 m de cada lado, de altura 1,67 m e no ápice, em cone truncado, 0,35 m. Sobre ele se ajusta perfeitamente o busto de Ferreira Penna, em bronze, um pouco maior que o tamanho natural. O monumento mede 2,36 m de altura, sem o busto.

Esculpidas nas quatro faces do pedestal encontram-se as seguintes legendas: na frente, D.S. FERREI-

RA PENNA (1818-1888), INICIADOR DA IDEIA DO MUSEU PARAENSE; na face direita, GEOGRAPHO E ETHNOGRAPHO; na face esquerda, MANDADO ERIGIR PELO GOVERNADOR MONTENEGRO 1907; atrás, FILHO DA TERRA MINEIRA, CONHECEDOR PROFUNDO DA NATUREZA AMAZONICA, ONDE VIVEU E MORREU.

Segundo relata o Dr. Jacques Huber em “Relatório dirigido ao Governo em 1908”, a figura em bronze esculpida pelo grande artista Rodolpho Bernadelli “apresenta com flagrante verdade os traços fisionômicos do fundador do Museu Paraense”. Assim testemunharam várias pessoas vivas e que conheceram ou trataram mais de perto com Ferreira Penna; entre essas, encontravam-se assistindo à inauguração o Dr. Jonas Montenegro, seu antigo amigo particular, o coronel Ciríaco Alves da Cunha, antigo aluno do mestre, Virgílio Melo e outros.

Na inesquecível e brilhante inauguração, o Dr. Jacques Huber, compenetrado da significação do ato, pronunciou uma pequena alocução, da qual extraímos o seguinte trecho, citado no *Boletim do Museu Paraense*, volume 6, 1910, publicado junto ao Relatório acima.

“Não se trata aqui de celebrar a memória dum grande guerreiro ou estadista eminente ou dum príncipe da Igreja, mas sim de um homem que, vivendo em condições modestas, fez do estudo da Geografia e da História da sua pátria adotiva a sua ocupação predileta, conseguindo pela dedicação e amor ao trabalho ser um mestre universalmente reconhecido nestas matérias. E bem que os seus belos trabalhos infelizmente não se-



*Monumento a Ferreira Penna na ocasião de sua inauguração, em 22 de junho de 1908.*

jam acessíveis a todos, sendo mesmo alguns deles difficilimos de se obter e por isso quase olvidados, o seu nome será de hoje em diante conhecido e repetido por todos que hão de visitar o nosso Museu, não só pelos milhares de habitantes da capital que, semana por semana, afluem a este estabelecimento científico mas também pelas centenas de nacionais e estrangeiros que, de passagem pelo Pará, recebem aqui as primeiras impressões do que é a natureza amazônica. Todos eles aprenderão que os estudos pátrios já tiveram aqui um cultor sagacíssimo, e oxalá que um ou outro deles se anime de seguir tão nobre exemplo. Conhecer o seu próprio país deve ser a primeira preocupação dos que têm a sede da instrução, e uma das mais belas manifestações do patriotismo consiste, indubitavelmente, no estudo da natureza e da história da própria Pátria. Ferreira Penna com certeza tinha plena consciência disto quando ele, com os seus dignos consócios da Associação Filomática, tratou de fundar o Museu Paraense de História Natural e Etnografia. A sábia restrição dos fins do Museu, assinalando-lhe em primeiro lugar o papel de um Museu regional, embora abrangendo uma região vastíssima, já existia no pensamento de Ferreira Penna, constituindo desde o renascimento do Museu sob a égide do meu illustre predecessor, cujo nome para sempre lhe fica aliado, um dos mais fortes esteios do edificio que se elevou sobre os alicerces lançados pelo invulvével investigador das coisas paraenses”.

De 1901 até 1931, portanto 30 anos, o Museu permaneceu com a denominação que lhe dera Paes de Carvalho. O tempo passara, os ânimos amainaram e o natural regionalismo acabou amortecido. Mas, em 1925, o Diretor do Museu Dr. Antô-

nio Ó de Almeida, em Relatório ao Governador, sugeria que ao “Museu deverá ser restituída sua antiga denominação de Museu Paraense, homenageando-se as memórias de Emílio Goeldi e Jacques Huber erigindo-lhes ermas no Parque do mesmo”.

Em 1930, a revolução sacudiu todo o Brasil e alijou os conspurcados ideais da velha República, nascida em 1889. Um violento e inflamatório patriotismo tomou conta das massas e dos líderes. O nacionalismo foi a tônica reinante, acompanhado de uma camuflada xenofobia. O Pará congregou-se ao conjunto da nação, moldado dentro das idéias revolucionárias. Foi nomeado para Interventor Federal o major Joaquim Magalhães Barata, paraense jovem e cheio de amor à terra e boa vontade para desenvolver honesto e sincero trabalho pelo seu progresso. Com entranhado nacionalismo regionalista, o major Magalhães Barata teve desde o início de seu Governo o Museu na mira.

Pelo Decreto nº 525, de 3 de novembro de 1931, resolveu fazer voltar a tradicional denominação de Museu Paraense, mas considerando que o nome de Goeldi era justa homenagem do Estado ao grande cientista, esta instituição passaria de então em diante a denominar-se Museu Paraense Emílio Goeldi. E assim mais uma dívida de gratidão estava sendo saldada para com Ferreira Penna. Embora o Museu Paraense não ostente o seu nome, convém lembrar que aquela denominação foi ele quem criou e, portanto, a sua presença continua assim bem viva. Por outro lado o nome de Emílio Goeldi permanece para lembrar a todas as gerações o inquestionável restaurador do Museu Paraense.

Em 1966, comemorou-se sole-

ne e brilhantemente o centenário do Museu Paraense Emílio Goeldi, prestando-se, cumulativamente, justa homenagem a Domingos Ferreira Penna e à instituição que lhe deve o nome e a criação.

Nesse ano do centenário, dois importantes acontecimentos tiveram grande repercussão nacional e internacional, sob o direto patrocínio das autoridades da República, do Estado e de numerosas instituições científicas de vários países estrangeiros.

O primeiro acontecimento foi a realização do "Simpósio sobre a Biota Amazônica", ocorrido de 6 a 11 de junho. Foi organizado pela Associação de Biologia Tropical, com a colaboração do Conselho Nacional de Pesquisas do Brasil e inúmeras instituições científicas e entidades estatais e paraestatais, tendo o Dr. José Cândido de Melo Carvalho, zoólogo do Museu Nacional e homem de cultura, como Presidente-Executivo. O simpósio homenageava especialmente o Museu Paraense Emílio Goeldi no seu centenário, ao qual se emprestou caráter internacional.

O simpósio, que na realidade foi um congresso de cientistas, apresentou uma frequência de 611 pessoas. Inscreveram-se 16 países, representados por 97 instituições, além da presença de quase todos os Estados do Brasil. Apresentaram trabalhos científicos 256 pesquisadores, dos quais se ouviram 22 conferências.

Mais tarde, em 1967, foram editadas as *Atas do Simpósio sobre a Biota Amazônica*, sob o patrocínio do então Conselho Nacional de Pesquisas. Nelas estão incluídos, em sete volumes, 198 trabalhos originais de cientistas nacionais e estrangeiros.

Cada volume corresponde a uma das seções do simpósio: Geociências, Antropologia, Limnologia, Botânica, Zoologia, Patologia e Conservação da Natureza e Recursos Naturais.

O "Simpósio sobre a Biota Amazônica" foi a maior consagração prestada pelo Brasil e por algumas nações a uma instituição de pesquisa nacional, o Museu Paraense Emílio Goeldi, e à memória de um homem, Domingos Ferreira Penna. Por outro lado, foi, principalmente, a maior contribuição conjunta da Ciência, para o melhor conhecimento da Amazônia.

O segundo importante acontecimento do ano do centenário foram as solenidades levadas a efeito no dia 6 de outubro, data da criação da Associação Filomática em 1866, como núcleo do Museu Paraense. Nesse dia, o Correio Nacional lançou, no salão da biblioteca do Museu, um selo comemorativo do centenário, no qual estava representada uma peça de cerâmica característica dos extintos índios de Santarém (Tapajós).

Domingos Soares Ferreira Penna tinha grande e sincera estima pelo Museu, e ninguém tem dúvidas sobre isso, em face do que ele escreveu em 1872, no folheto "Correspondência Oficial entre o Sr. Barão da Vila da Barra, Presidente da Província do Pará, e o Ex-encarregado do Museu Paraense":

"... Sempre procurei servir ao Museu pelo qual farei tudo quanto estiver a meu alcance, fazendo os mais ardentes votos para que a ilustrada Assembléia Legislativa Provincial do Pará continue a ter sob seu patrocínio esse Instituto científico de que tantos e tão fecundos resultados hão de colher a Província, o mundo industrial, as ciências, a civilização e

essa juventude esperançosa que ora desperta no horizonte do nosso País”.

### **Trabalhos de Ferreira Penna no Pará**

1864. O Tocantins e o Anapu. (Relatório ao Presidente da Província). Pará. 87 p.
1865. Literatura – Motins Políticos do Pará, de Domingos A. Rayol. Critica do trabalho. *Jornal do Amazonas*, 27 de dezembro.
1869. A *Região ocidental da Província do Para*. Resenhas estatísticas das Comarcas de Obidos e Santarem, apresentados a S. Exa. o Sr. Conselheiro Jose Bento da Cunha Figueiredo, Presidente da Província do Para por Domingos S. Ferreira Penna e publicadas por ordem do Governo. Para. 248 p.
1871. Officio dirigido a S. Exa. o Sr. Presidente do Para, Dr. Abel Graça, dando conta da Comissão de que foi incumbido na Ilha do Marajó, a fim de extrair da ilha artificial do Pacoval e de outras localidades, alguns artefactos ceramicos dos antigos indigenas. *Jornal Diario de Belem*, 1 dez.
1872. O Dr. Charles F. Hart – (prof. de Geologia na Universidade de Cornell). *Jornal Diario do Gram-Para*. 13 ago.
1872. Correspondencia official entre S. Exa. o Sr. Barão de Vila da Barra, Presidente da Província do Para, e o ex-

encarregado do Museu Paraense Domingos S.F. Penna. *Jornal Diario de Belem*. 31 out.

1874. Noticia Geral das Comarcas de Gurupa e Macapa. 33 p.
1876. A Ilha de Marajo. 80 p.
1876. Breve noticia sobre os sambaquis do Pará. *Archivo do Mus. Nac.*, Rio de Janeiro, 1: 85-99.
1877. Apontamentos sobre os ceramios do Para. *Archivos do Mus. Nac.*, Rio de Janeiro, 2: 46-71.
1877. Observações sobre as duas urnas descritas e figuradas pelo Sr. João Barbosa Rodrigues em seu artigo “Antiguidades do Amazonas”. *Archivo do Mus. Nac.* 2: 73-76.
1881. Algumas palavras da lingua dos Aruans. *Archivo do Mus. Nac.*, Rio de Janeiro, 4: 15-25.
1883. Comunicações antigas entre Mato Grosso e Para. *Revista Amazoninca*, Belém, 1: 7-15.
1883. Explorações no Amazonas e Rio Branco. *Revista Amazonica*, 1(2): 70-75.
1883. Scenas da Cabanagem no Tocantins. *Revista Amazonica*, Belém, 1(5): 157-166.
1885. Indios de Marajo. *Archivo do Mus. Nac.*, Rio de Janeiro, 6: 108-115.

### **Trabalhos póstumos, publicados por José Veríssimo no Jornal “A Província do Para”:**

1888. Rebordelos, 21 mar. Cap. 1.
1888. Indios e Jesuitas, 22 mar. Cap. 2.

1888. Os Jesuítas roubando as igrejas, 23 mar. Cap. 3.
1888. Colonização e catequese no Solimões, 6 maio. Cap. 4.
1888. Descobrimto do Jari. (Questão dos Jesuítas com os Franciscanos sobre a missão deste Rio - Victória dos primeiros sobre os segundos.
1888. Teorias do Rei a respeito, 6 maio. Cap. 5.
1888. Conflitos no Solimões com os Jesuítas hespanhoes, 6 maio. Cap. 6.
1888. Pedro Braga, 6 maio, Cap.7.
- 1894/96. Archeologia e Ethnographia no Brasil. *Bol. Mus. Para. Hist. Nat. Ethnogr.*, 1(1): 28-31.

A maioria destes trabalhos foi reeditado em dois volumes pelo Conselho Estadual de Cultura em 1973, na Coleção "Cultura Paraense", Série Ignácio Moura.

Ferreira Penna escreveu outros artigos, no momento não identificados, analisando assuntos diversos em jornais de Belém, como o "Diario de Belem", o "Diario do Gram-Para", "A Provincia do Para", "O Colombo", "Jornal do Amazonas", e outros.

### Fontes de Consulta

- 1858-1887. Fallas e Relatorios dos Presidentes da Provincia do Para.
- 1861-1878. Jornal do Para.
- 1866-1868. Jornal do Amazonas.
- 1861-1888. Diario do Gram-Para.
- 1876-1888. A Provincia do Para.
- 1869-1888. O Liberal do Para.
- 1861-1888. Coleção de Leis, Portarias, Officios, etc, dos Presidentes da Provincia do Para.
- 1867-1873. Anais da Assembleia Provincial do Para.
- 1871-1888. Documentos dos Arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro.
1894. VERISSIMO, J. D.S. Ferreira Penna; Notícia biographica. *Bol. Mus. Para. Hist. Nat. Ethnogr.*, 1: 57-73, il.
1973. CUNHA, O. R. da. D.S. Ferreira Penna: Uma análise de sua vida e de sua obra. In: *Obras completas de Domingos Soares Ferreira Penna*. Belém. Conselho Estadual de Cultura. v. 1. p. 11-41, il.